

- a) **Área temática:** Filosofia, Cristianismo e Epistemologia.
- b) **Título da comunicação:** Nietzsche: o conhecimento como invenção, a vida como criação de perspectivas.
- c) **Nome completo e titulação do autor:** Patrícia Del Nero Velasco - Doutora em Filosofia (PUC-SP).
- d) **Instituição que representa:** Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- e) **Texto:**

Resumo:

A vida é criação incessante de perspectivas. A umas se atribui caráter de arte; a outras, de verdade. Critica Nietzsche a valorização da verdade em detrimento da ilusão: o privilégio da perspectiva única da verdade mina outras interpretações. Critica igualmente o fato do homem esquecer o seu caráter de criador. Eis o mote a ser trabalhado.

Não busca Nietzsche derrubar as verdades científicas ou desqualificar o conhecimento. Antes, visa enfraquecer a pretensão da verdade e dar ao conhecimento a qualificação de invenção. O conhecimento encobre seu caráter de invenção ao assumir-se como descoberta. Coloca Nietzsche a necessidade de esmiuçar a questão relevante, a saber: dadas as verdades criadas e idolatradas pelo homem, torna-se de fundamental importância averiguar que tipo de vida criou tais verdades e delas necessita deste modo - será uma vida abundante ou exausta?

Segundo Nietzsche, o intelecto serve à vida, não conduzindo para além desta. Deste modo, não há como pensar o conhecimento desvinculado à vida a que ele serve. O homem passou a procurar a verdade e a cultuá-la, apegando-se à razão, à consciência, à história, à religião, ao instinto social. A crítica de Nietzsche, a ser fundamentada na presente comunicação, incide sobre o desejo de verdade, sobre esta ambição que por vezes vem à tona em detrimento da vida. O homem que prefere a verdade à vida o faz de modo sacrificial: a vida deserta a si mesma para sustentar tal idolatria pela verdade, esquecendo-se como experimentação de perspectivas.

Abstract:

Life is unceasing creation of perspectives. Some are named art; others, truth. Nietzsche criticizes the valorization of the truth in detriment of the illusion: the privilege of the unique perspective of truth undermines other interpretations. Also criticizes the fact that the man forgets his character of creator. That is what this communication is about.

Nietzsche doesn't look for destroy scientific truths or disqualify the knowledge. First, he aims to weaken the claim of truth and attributes to the knowledge the character of invention. The knowledge covers its character of invention when it is assumed as discovery. According to Nietzsche it is necessary to mince the relevant question: once the truths are created and idolatrized by the men, it becomes very important to investigate what kind of life has created such truths and thus needs them – will that be an abundant or exhausted life?

According to Nietzsche, the intellect serves the life, not leading beyond it. Thus, it's impossible to think the knowledge disconnected from the life that it serves. The man started to seek the truth and worship it, attaching to the reason, the conscience, the history, the religion, the social instinct. The critique of Nietzsche, to be substantiated in this communication, focuses on the desire for truth, about this ambition that sometimes comes to light in detriment of life. The man who prefers the truth rather life makes it in a sacrificial way, forgetting that this life is creation of perspectives.

Nietzsche: o conhecimento como invenção, a vida como criação de perspectivas

Armamos para nós um mundo, em que podemos viver – ao admitirmos corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé ninguém toleraria agora viver! Mas com isso ainda não são nada de demonstrado. A vida não é argumento; entre as condições da vida poderia estar o erro. (NIETZSCHE, 1983c, p. 202)

O conhecimento é condição de ilusão para o existir. As criações humanas são artigos de fé necessários para o homem fixar-se na existência. Neste sentido, a arte e a ciência seriam, igualmente, perspectivas. Não obstante, à primeira é atribuído um caráter ilusório; a segunda é denominada verdade. Não visa Nietzsche desqualificar as verdades científicas, mas apenas imputar ao conhecimento a qualificação de invenção.

Historicamente o conhecimento foi assumido como descoberta, fato que lhe conferiu o caráter de verdade indubitável. O olhar nietzschiano aponta para a necessidade de nos debruçarmos sobre uma questão de fundo: que tipo de vida precisou criar tais verdades que o homem idolatra? Seria uma vida profusa ou exausta?

Não há, portanto, como pensar o conhecimento desvinculado à vida a que ele serve. Um conhecimento tido como puro é presunção, uma vez que não se pode purificar o conhecimento de sua gênese, gênese vital.

(...) eram da crença de que o seu conhecimento é ao mesmo tempo o princípio da *vida*. Mas, para poderem afirmar tudo isso, tinham de *enganar-se* sobre seu próprio estado: tinham de se atribuir ficticiamente impessoalidade e duração sem mudança, desconhecer a essência daquele que conhece, negar a tirania dos impulsos no conhecer... (...) o conhecer e o esforço em direção ao verdadeiro acabaram por entrar, como uma necessidade, na ordem das outras necessidades. (NIETZSCHE, 1983c, p. 200-201)

Como mencionado, o conhecimento é uma criação, uma invenção - não uma descoberta ou revelação. Portanto, o que consideramos central no tempo e no espaço é de absoluta insignificância (atribuímos à especificidade humana, uma pretensa universalidade). O conhecimento não tem finalidade, é gratuito. O intelecto serve à vida, não conduzindo para além desta.

O desejo da verdade ofusca o fato do homem ser um artista. Oculta o fato de que o homem é um criador. O fato de que o homem é um criador tanto de verdades como de mentiras – um criador de perspectivas. Ao esquecer-se como criador, o homem carrega a pretensão da totalidade, considerando-se o centro do universo.

O mundo não gira em torno do sujeito de conhecimento, embora este pense o contrário. A vaidade do pensador, que se toma como centro, transborda: o antropocentrismo é uma vã vaidade. Assim como o mais ínfimo dos insetos, apesar da sua insignificância o intelecto pensa pretensiosamente - como a mosca talvez o faça em seu meio.

Nietzsche recua no tempo para imaginar a existência e a convivência humana antes da vida em sociedade. Segundo o filósofo, o aprendizado era realizado nas relações de força, de ataque e defesa, entre os indivíduos. Neste cenário, os mais fracos – temerosos pela própria sobrevivência – acharam que seria necessária a criação de um mecanismo de conservação. Desenvolveram, portanto, o intelecto!

O intelecto foi concedido ao mais frágil e infeliz ser como meio auxiliar para firmá-lo um minuto na existência. Carente de chifres na guerra pela sobrevivência, o homem encontra no intelecto uma função bélica: o intelecto como arma produz os disfarces para a conservação do homem. Ou nas palavras de Scarlett Marton:

(...) os indivíduos mais fracos, os mais desafortunados, temendo não conseguir subsistir, perceberam ser necessário o desenvolvimento do intelecto humano. Ao tentar convergir as forças principais do intelecto para a dissimulação, procuraram modificar um estado que lhes era insuportável. Preocupando-se apenas em manter a existência, privilegiaram o instinto de conservação em detrimento da vida. (MARTON, 1990, p. 40)

Há, assim, uma nítida distinção entre vida e instinto de conservação. E não se pode falar em neutralidade do intelecto, visto que tudo o que este produz é à luz da sua função, bem como da natureza estratégica do conhecimento produzido. Fato este que desafia um puro e honesto impulso à verdade, aparentemente inconcebível.

A importância exagerada atribuída ao conhecer torna o homem presunçoso, cegando-o e enganando-o acerca do valor da existência: os efeitos da vaidade humana e da valorização excessiva do intelecto são enganosos. Para Nietzsche (1983c, p. 200), “O intelecto, através de descomunais lances de tempo, não engendrou nada além de erros; alguns deles resultaram úteis e conservadores da espécie: quem topou com eles ou os recebeu como legado combatia seu combate por si mesmo e por sua prole com maior felicidade”.

Segundo Nietzsche, a partir do início da civilização o intelecto construiu apenas erros. Estes foram transmitidos de geração em geração, e à medida que se sedimentavam, tornavam-se substratos da humanidade, fundamento vital, necessidade orgânica.

O espólio da humanidade, pautado na crença, é tido como necessário ao viver: coube ao homem construir um mundo em que se inserem os corpos, a extensão, o movimento, o repouso, as causas e efeitos, os conteúdos... as condições de vida.

Contudo, como alerta Nietzsche no excerto que serve de epígrafe a este trabalho, “A vida não é argumento; entre as condições da vida poderia estar o erro” (NIETZSCHE, 1983c, p. 202).

O intelecto serve à conservação da vida através dos seus disfarces. Tem-se por um lado a função dissimuladora do intelecto necessária à conservação da vida e por outro, o impulso à verdade. O homem como ser de sensação não é puro intelecto. À noite, sem a luz do conhecimento, debate-se e dedilha a superfície.

Critica-se a pretensão do conhecimento de legislar sobre todos os domínios. Não obstante, reconhece-se que os efeitos da verdade são necessários à vida: dão à vida uma âncora, instrumento de conservação da vida ou ainda, de consolação ao homem. Concede uma bóia ao nadador exausto.

Tenho uma grande constipação, e toda a gente sabe como são as grandes constipações. Alteram todo o sistema do universo, zangam-nos contra a vida, e fazem-nos espirrar até a metafísica. (...) Excusez un peu... que grande constipação física! Preciso de verdade e de aspirina. (PESSOA, 2005, p. 384 [480])

Há complementaridade entre a busca obstinada da verdade e uma certa exaustão. O homem, quando já não tem forças de criar verdades, ancora-se em uma verdade preexistente, preconcebida. Segundo Nietzsche, ocorre uma inversão: no regime vigente de idolatria da verdade, a vida está a serviço da verdade e da razão, quando deveria, ao contrário, a verdade servir à vida.

Tem-se que o homem saudável nada sozinho. A questão, assim sendo, já não diz respeito à verdade ou à mentira, mas à saúde e à doença. À vida abundante ou exausta. A questão é a do tipo de vida que respira esta verdade em voga: a vida triste precisa de uma verdade triste. “Uma condenação da vida por parte do vivente continua a ser, em última instância, apenas o sintoma de uma determinada espécie de vida: (...) da vida declinante, da vida enfraquecida, cansada, condenada” (NIETZSCHE, 1983e, p. 334).

O homem exausto trancafiou-se no cubículo chamado consciência, o qual veda a visão sobre suas entranhas, sobre suas partes, vitais, viscerais. Se está encarcerado, como lançar-se ao mundo? Assiste-se ao embate entre um cubículo da consciência que orgulhosamente se toma como um saber e a natureza animalesca, violenta, assassina.

O que sabe propriamente o homem sobre si mesmo! (...) Não lhe cala a natureza quase tudo, mesmo sobre seu corpo, para mantê-lo à parte das circunvoluções dos intestinos, do fluxo rápido das correntes sanguíneas, das intrincadas vibrações das fibras, exilado e trancado em uma consciência orgulhosa e charlatã! (...) agora pressentiu que sobre o implacável, o ávido, o insaciável, o assassino, repousa o homem [...] como que pendente em sonhos sobre o dorso de um tigre. De onde neste mundo viria, nessa constelação, o impulso à verdade! (NIETZSCHE, 1983b, p. 46)

Mesmo o homem sendo indiferente ao tigre sobre o qual está deitado, não é independente deste. O homem, mergulhado no seu orgulho, muito pouco sabe sobre si mesmo, repousando na indiferença de seu não saber, sobre ‘o implacável, o ávido, o insaciável, o assassino’.

O homem produziu cisão com a natureza múltipla, pensando a consciência na sua pureza, auto-suficiência e arrogância. Como entender tal presunção? Está a consciência enraizada na vida, mas pensando-se como alheia a essa mesma vida. O que sabe o homem de si próprio? Como separar o conhecimento do corpo (que tem sangue, intestino, fibra), da vida? A filosofia pode ser produto de um intestino constipado.

As verdades, ilusões segundo Nietzsche, esquecem sua origem ao cristalizarem-se, considerando-se supremas e auto-suficientes. Se a natureza não conhece formas nem conceitos, o conceito já é uma certa mentira, uma violência que despreza diversas qualidades em nome da supremacia de uma delas, a escolhida. Não obstante, a verdade é uma fabricação necessária: não fosse isso, o homem estaria sujeito à multiplicidade inconstante de impressões e sensações.

A verdade responde a uma exigência de sociabilidade. Permite edificar leis, demarcar limites. Diante do conflito entre o irracional (regido pelo imprevisível, flexível e metamórfico) e o racional (que exige o sólido e o uniforme), a verdade assumiu o posto de “deus conceitual”. Mas, poderíamos perguntar, o que é a verdade? Responde o filósofo:

Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (NIETZSCHE, 1983b, p. 48)

A verdade é um sintoma: uma manifestação da doença do homem sem saúde que busca âncoras para satisfazer sua dor. Esta verdade encara que tipo de vida? Não cabe perguntar acerca da validade da verdade, mas sobre o grau de nobreza destas verdades – se mais vital ou mais mortífero. Ou nas palavras de Nietzsche: “(...) a *força* do conhecimento não está em seu grau de verdade, mas em sua idade, sua incorporação, seu caráter de condição de vida” (NIETZSCHE, 1983c, p. 200).

Critica-se a crença na verdade como reveladora da dimensão mais profunda da existência. A crença na verdade acarreta o desprezo da ilusão. Aponta Nietzsche que tal crença é ela mesma, ilusão, criação humana. O homem passou a procurar a verdade e a cultuá-la, apegando-se à razão, à consciência, à história, ao instinto social. Poucos são os que, contrariamente ao rebanho, experimentam a verdade no próprio corpo, na própria vida – tomando a vida como experimentação de perspectivas.

Deste modo, a crítica de Nietzsche incide sobre o “desejo de verdade”, sobre esta ambição que por vezes vem à tona em detrimento da vida. O homem prefere a verdade à vida, de modo sacrificial: a vida deserta a si mesma para sustentar tal idolatria pela verdade; o homem esquece o fato de ser um gênio construtivo.

Nietzsche detectou a decadência civilizatória: o atrelamento da vida à verdade. Pôs em questão, deste modo, a universalidade pretendida pelo conhecimento. Uma pretensa universalidade, a ser desafiada. Não tanto a verdade é necessária à vida, mas sim as suas conseqüências, a segurança que esta oferece.

Embora queiram fazer crer que a busca da verdade é desinteressada, tal busca possui um interesse inconfessável: o de encontrar no conhecimento, âncoras à vida. “A crença é sempre desejada com a máxima avidez (...) quanto menos alguém sabe mandar, mais avidamente deseja alguém que mande com rigor, um Deus, um príncipe, uma classe, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência partidária” (NIETZSCHE, 1983c, p. 215).

O conhecimento entendido como ilusão promete curar a ferida eterna da existência: incute a fé na vida, escondendo o sofrimento do viver. A ilusão é valorizada não apenas como pressuposto, mas como condição para a vida, para o existir. “Se a mentira é necessária para viver, até isso faz parte desse caráter terrível e problemático da existência” (NIETZSCHE, 1983a, p. 27).

O conhecimento é engano e dissimulação. O homem dissimula o corpo (com as suas vibrações e circunvoluções), acreditando estar o conhecimento, destituído do plano sensorio. A consciência igualmente imagina-se independente do mundo no qual se move. Ao dizer-se autônoma, esquecendo que repousa sobre o implacável e assassino, a consciência é charlatã.

A consciência que se pretende lúcida, sábia e transparente é não-saber (sobre o próprio corpo e sobre o mundo). Portanto, saber equivale a não-saber; consciência é ignorância; conhecimento é soberba antropomórfica. Como prosseguir falando de impulso à verdade? Deve-se antes perguntar: por que se deseja a verdade? Para se ter consenso, o mínimo de sociabilidade, remetendo o conhecimento tido como verdadeiro à conservação.

Assim sendo, não é a verdade que o homem busca, mas a utilidade desta: suas conseqüências socialmente benéficas. Uma vez que o impulso à verdade é indiferente à própria verdade, retoma-se a pergunta originária, a saber: que tipo de vida precisou se atrelar a esta verdade e produzi-la para manter-se? – Questão crucial que permeia a obra nietzschiana.

Nesta ótica, o pensador:

(...) é agora o ser em que o impulso à verdade e aqueles erros conservadores da vida combatem seu primeiro combate, depois que o impulso à verdade se *demonstrou* como uma potência conservadora da vida. Em proporção com a importância desse combate, tudo o mais é indiferente: a pergunta última pela condição da vida é feita aqui, e aqui é feito o primeiro ensaio, com o experimento de responder a essa pergunta. Até que ponto a verdade suporta a incorporação? – eis a pergunta, eis o experimento. (NIETZSCHE, 1983c, p. 201)

A vida é categoria fundamental para Nietzsche. Vida entendida em seu jogo múltiplo, evocando uma realidade móvel entregue à malícia, à dissimulação. Vida: metamorfose, gênese, transfiguração. Há uma profusão perturbadora na vida, um caráter processual, inacabado, aberto, ilimitado – impedindo a cristalização. Esse inesperado, por sua vez, só pode ser esperado por aquele que tem saúde, aquele que não teme. “A objeção, o saltar-para-o-lado, a alegre desconfiança, o gosto pela zombaria são sinais de saúde: todo incondicionado pertence à patologia” (NIETZSCHE, 1983d, p. 278). Neste sentido, a absoluta não-condição é sinal de doença.

A saúde defendida pelo autor é forte, alegre, corajosa, audaciosa: a grande saúde que suporta a doença e extrai mudanças de perspectivas que enriquecem a vida. Adquire-se saúde renovadamente, na troca com o mundo. Saúde que é da ordem do insaciável: uma busca com abundância e potência – de vida.

A vontade de potência, termo caro à obra nietzschiana, não é um mero querer:

Como elemento que confere espontaneidade, ela é o princípio da variação de potência. Mas esta não é a face passiva da força, em oposição à atividade da vontade de potência. Como intensidade pura, a potência é igualmente operante: define um modo de ação, qualificando, assim, a atividade. Com isso, a força é, ao mesmo tempo, qualidade (enquanto considerada do ponto de vista da modalidade da ação) e intensidade (enquanto a referência é a potência). (KOSSOVITCH, 1979, p. 25)

Neste sentido, a vontade de potência engloba o pensar e o agir. Uma vez que a vontade é constituída por sentimento, pensamento e instintos, e estes estão associados ao querer, “(...) no limite, ela nada mais é do que afeto de mando”¹. Neste sentido, afetos tidos como secundários (como fome e prazer) decorrem da vontade de potência. E não só os afetos:

Como prazer e desprazer, fome e geração, a autoconservação será mera consequência do exercício da vontade de potência. Uma vez que esta se identifica à vida, seria contraditório supor que o ser vivo visa, antes de mais nada, a conservar-se. A vontade de potência pode vir a manter aquilo de que se apoderou; a preservação de seus domínios, porém, jamais será seu objetivo. (MARTON, 1990, p. 39)

A vida como vontade de potência não quer a mera sobrevivência, mas algo que ultrapasse a própria vida: quer a potência! A vontade de potência é ultrapassagem. Como tal, uma força que se exerce sobre outras forças – tendo dimensão plástica. Enquanto desdobramento de forças, produz valores, cria perspectivas. Ao inventar formas de vida, a potência plástica não pode ser identificada a uma categoria sócio-econômico-histórica que legitima a riqueza e o prestígio.

Constata Nietzsche que o homem está morrendo, esfarelado-se. Os valores sob os quais a civilização foi construída não se sustentam – tem pés de barro. Como força ativa e criadora, a vida desafia os valores vigentes e, desta forma, a criação vital não é

¹ MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 38.

passiva, mas bélica. E a renúncia à necessidade humana de se curvar de modo tão decisivo diante da verdade passa a ser condição para o desenvolvimento da própria potência criadora humana.

Toda a filosofia que coloca a paz mais alto do que a guerra, toda ética com uma concepção negativa do conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhecem um termo final, um estado terminal de qualquer espécie, todo preponderante desejo estético ou religioso por um à-parte, um além, um fora, um acima, permitem que se pergunte se não foi a doença aquilo que inspirou o filósofo. (...) Por trás dos mais altos juízos de valor, pelos quais até agora a história do pensamento foi guiada, estão escondidos mal-entendidos sobre a índole corporal (...). Ainda estou à espera de um médico filosófico –um médico que tenha o problema da saúde geral do povo, tempo, raça, humanidade para cuidar –, terá uma vez o ânimo de levar minha suspeita ao ápice e aventurar a proposição: em todo filosofar até agora nunca se tratou de “verdade”, mas de algo outro, digamos saúde, futuro, crescimento, potência, vida... (NIETZSCHE, 1983c, p. 190)

Referências Bibliográficas

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

KOSSOVITCH, Leon. **Signos e poderes em Nietzsche**. São Paulo: Ática, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. In: Os Pensadores. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983a, p. 05-28.

_____. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. In: Os Pensadores. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983b, p. 43-52.

_____. **A gaia ciência**. In: Os Pensadores. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983c, p. 187-223.

_____. **Para além de bem e mal**. In: Os Pensadores. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983d, p. 267-294.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. In: Os Pensadores. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983e, p. 327-344.

PESSOA, Fernando. (Sem título.) In: **Fernando Pessoa - Obra poética - Ficções de Interlúdio: Poesias de Álvaro de Campos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.